

O SILÊNCIO DE UM BANDONEON

Hélcio Pupo RIBEIRO

Dizem em Buenos Aires, que em torno do tango há uma aura de machismo e nostalgia definindo sua glória e seu limite. A música de Astor Piazzola compartilha dessa antiga e fantasiosa fama, superando-a algumas vezes. Divergindo da tradicional linha musical portenha, inspirado no jazz americano da costa oeste e na moderna música de concerto, Piazzola sacudiu audazmente essa forma musical do povo, despiu-a de suas vestes humildes e transformou-a numa criação do seu tempo. É obvio, portanto, que ele a resgatou para uma nova vida, alterando fundamentalmente essa forma bizantina quase moribunda. Seu “Novo tango” introduz o cromatismo e a dissonância, instalando-os no campo da articulação musical através de inusitadas figurações de ritmos sincopados repletos de acentos cruzados. Comparado ao “Be-bop” e à “Bossa Nova”, o “novo tango” exclui com relação ao jazz, os tambores e a percussão. As cordas são a sua base e a formação instrumental mais comum inclui piano, violinos, contrabaixo acústico, guitarra e bandoneon, este a alma do grupo, um quinteto.

Astor Piazzola nasceu em Mar del Plata, no ano de 1921. Faleceu em Buenos Ayres no dia 5 de julho de 1992.

Já aos oito anos dominava o bandoneon, instrumento que aprendeu a tocar em Nova York, onde cresceu, com a musicista Bela Wilda, ex-aluna de Serge Rachmaninoff, compositor russo dos maiores do mundo. Aos quatorze anos foi convidado por Carlos Gardel, ídolo do tango argentino, para tocar bandoneon na trilha sonora do filme “El Dia Que Me Quieras”. Gardel já desconfiava que o jovem iria dar o que falar. De fato, numa reunião festiva, logo após cantar acompanhado por ele, o cantor observou: “Você pode saber tudo de bandoneon, mas não entende nada de tango!”

Piazzola queria estudar música erudita, tocar em uma orquestra sinfônica, escrever música de concerto. Foi, então, para Paris, estudar com a célebre Nadia Boulanger, mestra de tantos nomes famosos. Nadia o aconselhou, no entanto, a retornar ao tango. Na Argentina, tomou aulas com

Alberto Ginastera e ousou escrever algumas peças que foram executadas nos Estados Unidos e em sua pátria, sem serem jamais registradas em disco.

Retorna a Buenos Ayres, procura integrar-se ao antigo meio, mas não tem a compreensão dos seus compatriotas. Essa alteração do povo não é uma hostilidade, e sim o fruto do desconhecimento e do não alcance das metas perseguidas pelo jovem inovador. Em 1972 dá-se a mudança, quando o talento revolucionário de Piazzola já é suficiente para mostra a todos que ele se transformara em novo orgulho nacional.

“O tango é a noite, a lua, os morcegos”, dissera ele. “O tango é Drácula, é tudo o que se vê num ataúde. O tango nasceu triste e ao longo de sua vida encontrou uma época nefasta de 50 ou 60 anos de governos militares. Isso o fez ainda mais triste. O povo argentino é imensamente triste”. O poeta Jorge Luis Borges já o comprovava: “O tango nasceu nos bordeis, ao som de lígubres versos embalados pelo bandoneon”.

Astor Piazzola concluiu sua revolução. Criou formulas novas, próprias, pois “o tango sempre me pareceu de grande riqueza harmônica, rítmica e melódica”. “As modificações que fiz em sua forma”, acrescenta, “são o fruto de muitos anos de estudo musical e do fato de eu ser um homem do tango. Não sou iconoclasta, desejo criar um tango para a geração atual e para os que virão depois”. “Acordo às seis da manhã para compor e, no entanto, minha música é terrivelmente melancólica, dramática, nostálgica”.

No mês de agosto de 1990, quando se achava em excursão artística pela França, sofreu um derrame cerebral (AVC) e entrou em coma. Melhorou o suficiente para voltar ao apartamento, mas recaiu seriamente, perdeu a fala e a consciência. Contrariando pareceres médicos foi levado pela família para Buenos Ayres, onde faleceu aos 71 anos.

Maria de Buenos Ayres é uma operita em duas partes, composta sobre versos de Horácio Ferrer. A ação se desenvolve no sub-mundo da grande capital, sob o domínio soberano do tango. Assim, em torno de Maria gravitavam sem se lastimar, um trovador e um “beatle”; um analista e um malandro de bairro. Como cenário, um andaime tubular e uma escada. O som de uma valsinha fora de moda e um ritmo popular, representam com descolorido entusiasmo, a música atual de Buenos Ayres. Maria quer manter um pé no cabaré recém-desaparecido e o outro em uma mal cheirosa uisqueria do bairro norte. Sua estória se inicia por ser umas das mais antigas “milonguitas” do subúrbio, bonita, sensual, vivida, do que resulta, sem dúvida, um relato algo diferente. Essa imagem, mesmo mística, romântica e trágica, às vezes quase burlesca da personagem, reflete exatamente a maneira como vivem as pessoas na cidade grande.

O BANDONEON

Quando o belga Adolphe Sax inventou em 1840 o saxofone, nem sequer imaginou quanto o seu instrumento seria usado nos meios musicais de todo mundo.

O bandoneon - misto de acordeão e concertina - tem história semelhante. Fabricado em 1854 pelo alemão Heinrich Band, destinava-se a ser usado em pequenas igrejas que não possuíam órgão para acompanhar os pequenos coros paroquiais. Levado para os prostíbulos de Buenos Ayres nos idos de 1890, foi nos primeiros anos do novo século que Juan Maglio e Vicente Greco, entre outros, se tornaram interpretes do instrumento, especialmente na execução do tango, muito popular nos bairros boêmios. Logo surgiram pequenos grupos instrumentais que divulgaram e deram fama ao tango argentino. Os primeiros conjuntos eram constituídos por bandoneon, violino, piano e cantor. Denominavam-se "orquestra típica criolla". O bandoneon tem dois teclados. Um para a mão direita (solista), com 38 botões. Outro para a esquerda (harmonia e acompanhamento), com 38 botões. A sonoridade e a expressão podem ser dadas e alteradas pela intensidade no uso do fole.